

FIGURAÇÕES DO TEMPO EM “AINDA É TEMPO” E “COMO É NATURAL”, DE MÁRIO DIONÍSIO

Patrícia Resende Pereira (UFMG)¹

Resumo: O intuito deste texto é discutir a relação que pode ser estabelecida entre dois poemas do português Mário Dionísio, “Ainda é tempo”, de *Dispersos no tempo*, e “Como é natural”, lido em *O silêncio voluntário*, ambos publicados na segunda edição de *Poesia incompleta*, de 1979. Para tanto, é preciso levar em consideração que o poeta, integrante do movimento neo-realista português, escreve ao longo dos difíceis anos do Estado Novo, informação que em muito tem condições de contribuir para se pensar os dois textos poéticos. É possível notar, nesse sentido, que o tempo nos dois poemas aparece de modo distinto, evidenciado pelos quase dez anos de diferença que se tem entre a escrita de ambos.

Palavras-chave: Mário Dionísio; poesia portuguesa; tempo.

Introdução

Movimento literário presente ao longo dos difíceis anos do Estado Novo, o neo-realismo tinha como propósito denunciar a complicada situação em que se encontrava Portugal. Diante disso, o grupo tinha como princípio, segundo Rosa Maria Martelo (1998), encontrar no poeta alguém “capaz de reelaborar a sua relação com o mundo através da poesia, recorrendo a estratégias de aproximação que implicariam, *stricto sensu*, o eu na relação com os outros e, *lato sensu*, o texto na relação com o mundo” (MARTELO, 1998, p. 89). Seria, portanto, uma poesia muito voltada para o social, em uma tentativa de expor os acontecimentos ocorridos durante o regime opressor.

Esse princípio torna-se muito claro na poesia de Mário Dionísio, escritor português que comemora o seu centenário em 2016. Um dos principais idealizadores do movimento, o poeta explica seus propósitos no prefácio de *Casa na duna*, de Carlos de Oliveira, resgatado por Manuel Gusmão (1981), em *A poesia de Carlos de Oliveira*:

Eu insistia em que tal movimento não pretendia ser uma escola literária nem, muito menos – e por isso mesmo – um regresso ao realismo de oitocentos (daí o detestável ‘neo’) [...], mas qualquer coisa tão vasta e revolucionária como o Renascimento o fora nos tempos da gloriosa afirmação do mundo agora em decadência. Um renascimento em que cabiam todas as tendências, todas as escolas, todas as tradições e todas as inovações, tudo o que permitisse exprimir a nova mentalidade – no sentido mais vasto da palavra – em que tudo

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: patriciarpereira@gmail.com.



jogávamos (e jogamos): ‘a expressão, por mil maneiras como escrevi mais tarde e agora sublinho, ‘da realidade total em movimento’.
(DIONÍSIO *apud* GUSMÃO, 1981, p. 19-20)

A proposta de se ter uma realidade total em movimento pode ser notada na poesia de Mário Dionísio. Assim sendo, este artigo tem como intuito investigar a maneira como o tempo é tema de reflexão nos poemas “Ainda é tempo”, de *Dispersos no tempo*, e “Como é natural”, lido em *O silêncio voluntário*, ambos presentes na segunda edição de Poesia incompleta, de 1979. Publicado em 1953, “Ainda é tempo” tem como ponto de partida uma perspectiva muito mais otimista do que “Como é natural”, escrito sete anos mais tarde, o que será discutido neste texto.

1 Ainda é tempo ou já é tarde: as mudanças proporcionadas pelo tempo nos dois poemas

Em “Ainda é tempo”, o sujeito encontra-se diante de uma difícil situação, como se faz notar os versos iniciais da primeira estrofe: “Das grandes praças desertas com cinzas fumegantes / dos patamares suspensos onde o pranto gelou / das esquinas do horror que minou continentes” (DIONÍSIO, 1979, p. 177). Nela, percebe-se que o poeta descreve quase um cenário de guerra, tamanha a desolação, verificada pelas praças desertas, ainda com a fumaça provocada pelo ataque direcionado contra a população. O pranto do povo chega, inclusive, a gelar a cidade, em meio ao terror capaz de contaminar todo o continente, o que possibilita que se pense que o conflito não é apenas local, mas mundial.

Nota-se, na mesma estrofe, contudo, que o sujeito, embora inserido em um ambiente pautado pelo terror, permanece com a esperança de que ainda há tempo para se resolver os conflitos, indicado pelos versos otimistas que encerram a primeira estrofe: “dissonante um sorriso / vem e cresce na noite / dissonante uma voz / voa e abre na noite / esta flor de surpresa Ainda é tempo” (DIONÍSIO, 1979, p. 177). Em meio ao ambiente de dor e desolação, um sorriso aparece, destoando de todo o resto. Pouco a pouco contamina o cenário, avançando pela noite. Ele é acompanhado por uma voz, também ela dissonante, que voa e, de surpresa, abre-se como as pétalas de uma flor ao avisar, ainda é tempo.

Ao inserir os versos em itálico, Mário Dionísio coloca em destaque a mensagem no meio de todo o restante do texto, de modo que chame a atenção do leitor. Dessa



maneira, embora esteja em um cenário de destruição, o poema tem como ponto de partida indicar que, ainda assim, dá tempo para modificar tudo o que se tem. No entanto, não é esta a mensagem que pode ser verificada em “Como é natural”, publicado sete anos depois de “Ainda é tempo”. Mais breve do que o anterior, o poema, escrito em 1960, apresenta ao longo de todos os seus versos certo pessimismo, como se vê em seus primeiros versos:

Vão longe os anos de intermezzo
quando a brisa indolente passeava
doce esperança à flor dos lábios mudos

Se uma folha caía se um rumor
brando acordava o silêncio mal represo
quanto alarme no ar de flores coberto
(DIONÍSIO, 1979. p. 249)

Percebe-se, assim, que o movimento proposto em “Como é natural” é bastante diferente do que se tem em “Ainda é tempo”. Isso porque, no primeiro poema, Mário Dionísio apresenta, ao longo de todas as estrofes, uma situação difícil, com morte e destruição, mas que, aos poucos, a esperança renasce e instiga o povo a ir à luta, uma vez que ainda é tempo. Já em “Como é natural”, ao contrário, o poeta prefere lembrar-se dos bons tempos, que “vão longe” como anuncia o verso inicial.

Este período não é necessariamente tranqüilo, como poderíamos supor, já que há ainda a necessidade de luta. Em razão disso, o tempo em questão é considerado no poema como “anos de intermezzo”, termo frequente nos espetáculos de música quando se tem, conforme Henrique Autran Dourado (2004), uma pequena apresentação artística entre os atos de uma ópera. Pode-se ver, assim, que o tempo ao qual o poeta recorda se trata de um período curto, praticamente um intervalo, algo, por si só, marcado pela brevidade. Além de breve, os anos entreatos foram marcados por uma brisa indolente, ou seja, considerada apática, que dava esperança ao passar pelos lábios da população, que permanecia em silêncio.

Contudo, mesmo com a população em silêncio, a estrofe seguinte avisa que o simples ato do cair de uma folha já era, então, capaz de fazer com que o povo se movimentasse para modificar a situação, pois o silêncio que se tem estava “mal represo”. Portanto, o sujeito relembra, em “Como é natural”, a forma como o povo,



aparentemente em silêncio, estava disposto a lutar por dias melhores. Essa característica, todavia, não mais pode ser notada, como indica a última estrofe, fortemente marcada pelo pessimismo. Ao olhar o relógio, talvez para ver se *ainda é tempo*, o sujeito depara-se com um fantasma, que avisa: “E um fantasma lá dos fundos do quadrante / Sorri-me com tristeza e diz É tarde / Talvez já seja muito tarde” (DIONSÍSIO, 1979, p. 249).

Ao colocar um fantasma para fazer a constatação de que não há mais tempo para mudar o presente e o futuro, o poema indica que o tempo passado, quando a população deixava o silêncio para lutar, não mais existe. Nesse cenário, não se tem mais tempo para reverter a situação e o silêncio agora é permanente, sem ter alguém que lute pelo povo. O fantasma, figura que remete ao passado, indica que o tempo de luta ficou para trás, superado, morto e que agora só resta um espectro dele, que, triste, alerta que o tempo de mudança já passou.

Observa-se, também, que os versos “Sorri-me com tristeza” indica certa resignação por parte do fantasma, o que termina por contrastar muito com o tom adotado em “Ainda é tempo”, pois ali se tem quase uma convocação do povo para a luta. Em “Como é natural”, a luta não é convocada, já que o fantasma, assim como o sujeito do poema, está resignado diante da realidade, talvez cansado demais para tentar reverter o que se tem.

2 E ao lado dessa mão, outras mãos: sentido de coletividade nos dois poemas

Nos dois poemas, a população sofre forte opressão, o que, em “Ainda é tempo”, serve para incitar o povo a lutar por mudanças e, em “Como é natural”, apenas para tornar o sujeito ainda mais apático. É preciso destacar, com relação ao movimento neo-realista, que sua tentativa de denunciar a realidade é acompanhada da reflexão sobre a relação estabelecida entre o opressor, a classe mais favorecida economicamente e socialmente, e o oprimido. Acerca disso, ao discutir *Uma abelha na chuva*, escrito por Carlos de Oliveira, a pesquisadora Maria Alzira Seixo (1986) enfatiza que o livro pode ser compreendido como romance de opressão, uma vez que

No contexto literário taxinómico em que normalmente se insere – o do movimento neo-realista – tal verificação pode parecer banal adentro de uma perspectiva habitual nas produções romanescas integradas nesse movimento, que considera fundamentalmente, nas suas mais puras realizações, a dialéctica do opressor e do oprimido entendida em



termos de relações sociais e económicas, sobretudo no campo do trabalho, expressa na oposição explorador versus explorado. (SEIXO, 1986, p. 93)

Embora a estudiosa esteja se referindo ao romance de Carlos de Oliveira, é possível perceber que as suas considerações também podem ser relacionadas aos dois poemas que servem de ponto de partida para a reflexão proposta neste texto. Nesse sentido, destaca-se a seguinte estrofe de “Ainda é tempo”, em que se tem a valorização do trabalhador, integrante da classe oprimida, aqui o grupo responsável por lutar contra a classe opressora e modificar a realidade:

Olha as tuas mãos
quadradas e escuras
enrugadas pisadas
em que as lágrimas ardem
E ao lado dessas mãos
outras mãos e outras mãos
igualmente pisadas
igualmente pisadas
estremecendo e dizendo avidamente *Ainda é tempo*.
(DIONÍSIO, 1979, p. 178-179)

A estrofe em questão indica a união entre os trabalhadores, algo ligado à noção da coletividade supostamente necessária para tornar possível a mudança pretendida. Ao lado disso, em sua construção textual, pode-se ver que há o recurso que parte do micro para o macro, uma vez que, em seu início, concentra-se apenas em uma só pessoa, que, ao se deparar com as suas mãos “quadradas e escuras / enrugadas pisadas”, olha para o lado, enxergando “outras mãos e outras mãos / igualmente pisadas”. É ao olhar para o lado que o membro da classe oprimida enxerga o outro, aquele com quem divide sua situação.

A união dos oprimidos atinge o seu ápice na última estrofe, quando se nota quase uma convocação para que todos se juntem a favor de uma só causa: “Ó mão amiga que irrompes dos tijolos / rasgando a névoa hostil do desprezo e do risco / *Ainda é tempo*” (DIONÍSIO, 1979, p. 179). Diante disso, pode-se perceber que há, no final do poema, a realização da coletividade, em que todos os trabalhadores deixam de se dedicar ao trabalho, como indica “irrompes dos tijolos”, com o intuito de se rebelar contra a classe opressora, rasgando a “névoa hostil do desprezo e do risco”.



Assim sendo, percebe-se que em “Ainda é tempo” a classe oprimida termina por criar coragem para lutar contra o opressor, sendo o trabalhador o principal personagem para tornar possível o combate relatado no texto poético. Isso só foi possível com a união de todos, incitada pela crença de uma coletividade transformadora. Contudo, ao contrário do primeiro poema, em “Como é natural” não mais se tem o pensamento de grupo, especialmente do trabalhador. No texto poético, o sujeito está o tempo inteiro sozinho e, quando ganha companhia, esta é a do fantasma, personagem resignado diante de toda a situação.

Pode-se notar que a solidão é sugerida nas seguintes estrofes, em que se percebe especialmente o tom pessimista adotado por Mário Dionísio em sua construção:

Vão longe os tempos de alvoroço
De fronteira a fronteira imaginária
Rara aventura agora impessoal
Uma alegria alheia que hoje amarga

Dou corda a este velho relógio de parede
Pesa-me o braço que levanto
Do peso de outros tempos que desperto
(DIONÍSIO, 1979, p. 249)

O sujeito encontra-se sozinho no poema, como indica os versos finais da estrofe: “Rara aventura agora impessoal / Uma alegria alheia que hoje amarga”. Nesse cenário, enquanto relembra os tempos de alvoroço, que vão longe, como destaca, o sujeito do poema avisa que a aventura, antes pessoal, tornou-se impessoal, o que se pode pensar que, diante dos acontecimentos, ele possivelmente não mais se identifica com aqueles com quem lutou – talvez porque não há mais se tenha a motivação para lutar. Ao lado disso, enfatiza-se que a alegria é considerada alheia, ou seja, algo que era de outro e não dele. Torna-se ainda mais complicada a situação ao se pensar que, hoje, a alegria alheia torna-se amarga, o que pode indicar certo ressentimento por parte do sujeito.

Na estrofe a seguir, o poema apresenta o instante em que se dá corda no relógio da parede, ação que termina por pesar o braço, cansado já “Do peso de outros tempos que desperto”. Percebe-se que todo o movimento está no singular, indicando que a reflexão é feita apenas pelo sujeito e não pela coletividade, característica fortemente presente em “Ainda é tempo”. Quem desperta o peso de outros tempos é o sujeito, uma só pessoa, e



o pesar que essa ação acarreta não é compartilhada com mais ninguém, particularidade que torna a situação apresentada pelo poema ainda mais solitária.

Não mais se tem, portanto, o senso de coletividade em “Como é natural”, tendo em vista que o personagem em ação está sozinho e não mais compartilhando seus sentimentos com os outros.

Considerações finais

Diante do que foi investigado neste texto, é possível concluir que em “Ainda é tempo” Mário Dionísio apresenta um poema muito mais otimista com relação ao futuro, e ao próprio tempo, do que acontece em “Como é natural”. No primeiro texto poético, embora se tenha uma cidade imersa em problemas, é possível ver que há a esperança de reverter a situação, uma vez que em todas as estrofes se tem, em destaque, a mensagem de que ainda é tempo.

O mesmo, contudo, não acontece em “Como é natural”, no qual o sujeito, sozinho, se depara com a impossibilidade de se modificar a realidade. Acompanhado apenas por um fantasma, figura que aceita, com resignação, os problemas, o personagem do poema é avisado de que é tarde para se modificar qualquer coisa. O fato de o sujeito estar sozinho, ressalta-se, também representa uma diferença na construção dos dois poemas aqui em pauta. Enquanto em “Ainda é tempo” a classe oprimida, indicada pelos trabalhadores, se une para reverter a situação, em “Como é natural” o sujeito está sozinho, acompanhado apenas pelo fantasma de um passado de luta, que, desanimado, avisa que não mais há tempo para mudanças.

Referências

DOURADO, Henrique Autran. *Dicionário de termos e expressões da música*. São Paulo: Editora 34, 2004.

GUSMÃO, Manuel. *A poesia de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Seara Nova Editorial Comunicação, 1981.



SEIXO, Maria Alzira. “Uma abelha na chuva: do mel às cinzas”. In: SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance: ensaios de genologia e análise*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

DIONÍSIO, Mário. Dispersos no tempo [1953]. In: DIONÍSIO, Mário. *Poesia incompleta*. 2ª edição. Sintra: Publicações Europa-América, 1979. p. 177.

DIONÍSIO, Mário. O silêncio voluntário [1960]. In: DIONÍSIO, Mário. *Poesia incompleta*. 2ª edição. Sintra: Publicações Europa-América, 1979.

MARTELO, Rosa Maria. “Directrizes críticas e direcções do Neo-realismo poético”. In: MARTELO, Rosa Maria. *Carlos de Oliveira e a referência em poesia*. Porto: Campo das Letras, 1998.